

1844

RETALHOS

OBRAS DO AUTOR, PUBLICADAS:

Estilhaços. (Versos. 1.^a e 2.^a serie)

Visões de Hoje. (Poema)

A Poesia Scientifica. (Estudo Critico)

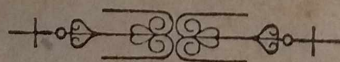
Typ. I

Rec

1883--1884

—
VERSOS

RETALHOS



TYP. INDUSTRIAL — Rua do Imperador N. 14

Recife, Outubro de 1884

Izidoro MARTINS JUNIOR

A

Phaelante da Camara,

o nervoso e brilhante poeta

DAS

“VERDADES AO SOL”

A

Alfredo Falcão,
Anizio de Abreu,
Pereira Simões,

Hygino Cunha,
Cezar Monteiro,
João A. de Freitas.

MEUS AMIGOS.

Um dia, um gárrulo cardume
De aves—ouro e azul—, grandes como albatrozes,
Veio pousar alegre, enchendo-o de perfume,
Sitiando-o de vozes,
No vasio poial dos meus quatorze annos...

Eram aves reaes, passaros soberanos
Esses, vindos á mim. Havia-os côr do abysmo
E côr do sol. No ar, que em fluido paroxysmo,
Aquecia o ambiente,
Banhavam-se elles, como em rubro vinho ardente
Molham-se de um crystal as rigidas facetas.

Era uma legião alada de estafetas
Que chegavam da Luz, da terra dos Condores,
Das cidades do Som e da patria das Flores.

E rompeu a cantar, o plumeo batalhão.
Julguei sentir então
Sobre mim abater-se um que de luminoso,
De salutar e bom, de heroico e impetuoso.

Parecia-me ouvir a saphira trinar,
 A esmeralda dizer um sonho verde-mar,
 Melodiosa queixa a opala desferir,
 O topazio exprimir
 Uns desejos febris de ignotos ideaes,
 E o rubim desatar-se em arias marciaes!

Cada ave trazia uma canção egual
 A' plumagem que tinha. Eu escutei-as, qual
 Um monge velho e mystico
 Que ajoelhasse perante o symbolo eucharistico.

Quando a orchestra cessou, agitaram-se as azas.
 Das aves musicaes o glorioso bando
 Foi rasgando, rasgando
 O espaço todo anil, cheio de finas gazas,
 E perdeu-se afinal... Não sei si n'algum astro
 Si em longinquo jardim com bustos de alabastro...

* * *

Amigos, desde então poz-se á vibrar minh'alma.

Como ao vento na matta agita-se uma palma,
 Começou dentro em mim, dos passaros aos trinos,
 A' bater, á pulsar, a fibra desses hymnos
 Com que eu tenho alfombrado o chão da minha vida.
 E com que conto para ao fechar desta lida
 —Como arvore no monte—
 Ter um trapo de luz aonde enrole a fronte,
 Ou para ter um horto
 Manso, sereno e azul, onde me estenda morto...

Deixai que eu continue a trepida jornada.
 Si não tenho a ballada,
 A languida *romanza* harmonica da opala,

Ao menos sei vos dar em radiosa escala
As notas escarlates
Que furtei ao rubim, que arrebatei aos vates
De pennas côr do sangue...

* * *

Quando eu cahir exangue,
Amigos! e faltar-me a força, a inspiração...

Será como um clarim a ultima canção!



Loreley

(H. HEINE)

A' João Bandeira

Não sei como explicar esta tristeza
Que está fazendo ninho em minha frente;
Uma antiga legenda fabulosa
Vem-me á cabeça, como a neve á um monte.

E' lusco-fusco. A athmosphera é doce
E o Rheno manso, á murmurar, serpeia.
No occaso, ao longe, a testa das montanhas
Brilha com a luz crepuscular que ondeia.

Como que por milagre, está sentada
Alem a mais formosa d'entre as moças.
Traz uma joia que parece auréola,
Penteia do cabello as aureas touças...

Penteia-o, sim. O pente é de ouro vivo,
E ella gorgeia uma cantiga, um canto,
Sua voz é melodica e selvagem,
Mostrando um certo *que* de negro encanto.

Vem vindo um navegante em leve barca...
Ao ver a moça sente estranha dor,
Deixa de olhar para os escolhos negros,
Fita somente o vulto arroubador!...

*
* *

Creio que emfim as ondas famulentas
Enguliram a barca e o navegante...
Eis o que fez com sua voz traidora
A fada *Loveley*—do Rheno a amante!



I
M
H
L
F
A
C
D
P
A
E
P
P
O
C
S

8

101

Simple Quadras

A' Claudino dos Santos

Poetas, porque viveis
Metrificando balladas,
Rimando amores e a tez
Das vossas mil namoradas;

Porque levais a existencia
A' procurar, nos profundos
Olhos das virgens, os mundos
Dos gozos em quinta essencia;

Por sempre andardes ouvindo
As symphonias das auras
E julgardes-vos (que lindo!)
Petrarchas de novas Lauras;

Por terdes continuamente
Os corações traspassados,
Cantando, como os magoados
Sabiás na palma virente;

Porque amais a flor, o céu,
O branco setim do luar,
O azul, os campos, um véo
Que ensombra o sol de um olhar;

Porque scismaes ao sol posto
Em desalinho romantico
E ouvis o sagrado cantico
Do mar, contando um desgosto;

Por serdes doces bem como
A nota de um violino,
Desejaveis como um pomo
E ternos como um menino;

Poetas! não se concebe
Que deserteis desta luta
Em que nest'hora labuta
O rei, o clerigo, a Plebe!

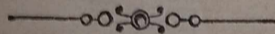
Bardos fataes das *modinhas*
Ouvi!—A Arte não é
A curva qualquer de um pé
Ou de um perfil quaesquer linhas.

E nem o Amor é apenas
A aphrodisia unctuosa
Que vós rimaes, nas serenas
Noites de lua saudosa.

Vates! Amar não impede
Que sejamos uteis, fortes,
Potentes como cohortes,
Sonoros como harpas. Crêde!

O Amor tenhamol-o, sim;
Cantemol-o inteiro e puro;
Mas o largo Amor sem fim
Que vae da esposa ao Futuro.

A trova, o verso moderno
E' como um punhal dourado;
Contem lampejos de inferno
E maciezas de prado!



A Theophilo Braga

(Fazendo-lhe a dedicatória de um jornal,
no dia de seu aniversário)

Não vimos te ofertar um ramilhete, Mestre.
As flores servem só para ensopar de aromas
A corolla do ar, algum jardim silvestre...
Ou para estrellejar as femininas comas.

Trazemos-te, porem, mais do que rosas:—frontes
Que se voltam p'ra ti, olhares que te fitam,
Cabeças juvenis, largas como horisontes,
E rubros corações de filhos, que palpitam.

Ergue tu para nós a pensadora testa
E acolhe-nos. O sabio, assim como Jesus,
Deve ter para o fraco um riso bom de festa
E aos cegos apontar a Capital da Luz.

Nós quizemos, travez da atlantica planura,
Abraçar-te no dia á cujo sol memoras
Teu lar, teus velhos paes, a tua infancia pura...

—Fizemol-o. Ha em nós uma invasão de auroras!

Judith

(Inspirações da « Madona do Campo Santo, »
conto de Fialho de Almeida.)

Era uma flor, e consumia as flores;
Era uma rosa, e mastigava as rosas;
Tinha na face hystericos pallores,
E n'alma tinha erupções radiosas.

Não sei... Mas acho que bebia aromas
Em vez de os labios mergulhar em agua;
Trahia a dor de uma infinita magua
No arfar veloz das delicadas pomas.

Como era humana e ao mesmo tempo etherea!
Ah! Como ria a mascara funerea
Da sua face olympiamente bella

Quando ella via uma roseira branca!...
Pobre! Era então que uma alegria franca
Punha arrebóes no doce rosto della!

Vinte e quatro de Maio

(LIBERTAÇÃO DE FORTALEZA)

A' Alfredo Pinto

Gloria! Vem de explosir a aurora no levante,
E em mim vem de explosir a mina estrepitante
Da alegria febril, do entusiasmo herculeo!

Rebenta e chispa a luz no firmamento azuleo,
Emquanto em mim rebenta a polvora dos sonhos,
Das cousas infantis e geniaes!...

Risonhos

Assaltam-me a cabeça, em batalhão cerrado,
N'um sonoro tropel cadencioso e alado,
Os sentimentos bons, os lucidos instinctos!

Passam-me pelo olhar pannos de nuvens tintos
Nos coriscos do sol, e passam-me pela alma
Melodias de canto e fremitos de palma!



Gloria! Sopra do Norte a santa tempestade.

Ha um pedaço da Patria onde a razão não ha de
D'hoje em vante corar ante a senzalla, o *carro*
E o chicote brutal, que como um negro escarro
O estúpido feitor cospe ao captivo! Gloria!

Vae passar ante nós a procissão da Historia!

Euzebio de Queiroz, Luiz Gama, Rio Branco
Atravessam o ar... Traz cada um no flanco
O sinete de luz, feito de flor e aromas
Que a Idéa — essa mulher de fecundantes pomas —
Grava no corpo á quem soube ser justo e amante!

Eu ajoelho em frente ao Ceará gigante!



Umbra

A' Carlos Faleão

Sinto fugir-me a força em meio a travessia,
Ir o vento faltando ás velas do meu barco.
Não creio poder ver o derradeiro marco
Da marcha que encetei. A estrada é fugidia.

E' fugidia e má. Some-se no horisonte
Como um rio no mar, como o oceano verde
Na linha azul do céu purissima se perde...
Deserta-me o vigor do peito nu, da frente...

Baixa sobre este seio a sombra carregada
D'uma noite polar, cahotica, infinita,
Onde uma nota só não vibra illuminada.

E' que as vezes me dóe o coração... Agita
O tédio sobre mim su'aza somnolenta,
E então embalde o sol, que ri no ar, me tenta!

Mossoró, salve!

Aos meus amigos do Rio Grande do Norte.

Pediram-me vocês que eu fosse ao meu rosal
Poetico,—e do galho esplendido do qual
Costumam rebentar em hastes rectilneas
As corollas viris, as petalas sanguineas
Das estrophes *brutae*s cheias de apoplexia
E crivadas de luz, crivadas de ironia ;
—Arrancasse eu agora uma fulminea flor
Que podesse atirar ao collo inspirador
Da terra de vocês, a terra bem amada !

Faço-lhes a vontade. A impavida rajada
Que vem do bom paiz ethereo do Futuro,
E que rasga, passando, o vestuario escuro
Das cousas sem valor poentas e senis,
—Neste instante me afaga a testa emmagrecida
Injectando-me nella uma porção de vida !

Vamos! Gritem vocês aos barbaros e aos vis
Tudo o que lhes vier aos cerebros, aos peitos!
Quem consegue limpar de tetricos defeitos
Um pedaço da Patria, é mais feliz que Créso!

—Em vocês eu abraço um Ideal que présó!



Tem a doce m
Tem de perfum
Põe no meu p
Põe-me na alr

E' como o fres
Que dorme ao

.....
.....
Eu vou collar
A' sua fina car

Uma tal harmo
Que junto dell

Capricho Lyrico

(Phantasiando)

Tem a doce maciez das cousas puras ;
Tem de perfume um languoroso rasto ;
Põe no meu peito um mundo de venturas,
Põe-me na alma um sentimento casto.

E' como o fresco « bugari da serra »
Que dorme ao pé da cantadora fonte.

.....
.....

Eu vou collar a penserosa fronte
A' sua fina carnação... Encerra

Uma tal harmonia bôa e vaga...

Que junto d'elle um *não sei que* me afaga !

No Album de

João Bandeira

Eu queria assentar a Musa Scientifica
No placido *diwan* setineo desta folha,
E pôl-a a recitar, n'uma dicção magnifica,
Uma correcta estrophe, iriada como a bolha

D'agua, que pelo inverno estremece nas flores!

.....

Eu queria fazer um *chant a ma facon*,
Onde enchesse de amor o Povo e suas dores,
Onde fallasse ao Grande, ao Luminoso, ao Bom,
A' Razão e ao Dever, á Liberdade e á Idéa,
A' tudo que me doura e que me afaga a vida!

Mas não posso... E depois, esse tom de epopéa
Iria fazer mal á tua estremecida
E loura namorada—a Poesia velha!

Ella ahi está. Vejo-a bem por cima do teu hombro
A' fitar-me raivosa e timida e vermelha!

Descança! Paro aqui p'ra não causar-lhe assombro!

Simile

A' Alfredo Falcão

Um dia bom de verão,
Largo, purpureo, ridente.
Emquanto o sol—um leão
Do ethereo areial candente—

Mergulha a pata sanguinea
Na fluida entranha do espaço,
—Manso leão da graminea
O insecto põe no regaço

Da flor—a garra franzina.

.....

Tambem dentro em mim, emquanto,
Da Idéa sob a luz fina,
Pesa-me o pulso de um canto

Leonino, estoico, moderno;
A's vezes—vespa ignorada—
Um Verso placido e terno
Ferra-me a unha rosada!

Oração nova

(Ao dar-se á cova o cadaver de Manoel
Francisco de Almeida)

Adeus, ALMEIDA. Tu foste um rebelde. O *meio*
Esmagou-te. Pois bem. Nós hemos de vingar-te.
Havemos de te honrar seguindo-te os exemplos,
Havemos de dizer teu nome em toda a parte!

Não tiveste latim, nem bençãos e nem rezas!...
Podes ir muito bem para o inferno...

Agora

Vão chover sobre ti saudades dos amigos
E, todas as manhãs, o pranto azul da aurora!

Vinte de Setembro

A' Aureliano Barboza,
Argimiro Galvão,
Homero Baptista,
Barros Cassal,
Germano Hasslocher.

Vistam de sol a Terra dos pampeiros,
A Patria das savanas e gaúchos!
Bate-lhe á porta em fremitos guerreiros
Uma Data que tem, como os repuxos

Onde a luz brinca, iriações profundas!

Ergue-se, ao sul, a vasta revoada
Das memorias energicas, fecundas,
Que 35 argamassou!...

Na estrada

Nova e pequena e triste e sinuosa
 Da nossa historia, avisto agora o rasto
 Daquelles *guasças* de alma bôa, estuosa,
 Que souberam sonhar porvir mais vasto

Do que o de hoje, p'ra a nativa terra!

Sinto passar sobre o Brasil o sopro
 Que toda aza ao destender-se encerra,
 É ouço o bater sonoro de um escopro!

E' a aza da Idéa que se atira
 A' procurar consolações nos mortos...
 E' o escopro do Povo, que revira
 Os tumulos dos velhos, p'ra ter portos

Onde elle lance a ancora da Crença!...
 —Portos aonde algum character são,
 Tenha prendido o aureo galeão
 Da liberdade acrysolada, intensa!

.....

 Patria! Quem hoje olha o Presente impuro,
 Só do Passado espera o teu Futuro!

Não conhe
 Quando ell
 —
 Com sua vo
 Varada de
 Com as gar
 De
 Quando da
 —
 Não sabia t
 De
 Que tu tens

A' Actrizinha Julieta

(A' proposito da recitação do *Melro*)

I

Não conheci o *melro*... Mas, de certo,
Quando elle pateava o padre cura,
—O padre mal desperto—
Com sua voz intermina e segura
Varada de sarcasmos perfurantes,
Com as gargalhadas ríspidas, vibrantes,
De seu canto maroto;
Quando dava assovios de garoto;
—O melro certamente
Não sabia timbrar o riso quente,
Demolidor, mordaz,
Que tu tens, nas comedias joviaes!

II

Quando o melro sombrio e lacrimoso
Tragico e paternal,
Sob o vago luar largo e nervoso,
Apostrophava o céo, a Noite e o Mal
Por lhe terem roubado os pequenitos;
Quando elle dava os lancinantes gritos
Filhos da sua dor;
Quando dizia o seu profundo amor
Louco, á sentir em roda a Natureza,
—O melro com certeza
Não sabia chorar como tu choras,
Commover, como tu, por largas horas
Quando, no drama, o rosto de criança,
Mostras-nos, a ferir como uma lança!



Era um herbario
Artístico, ideal,
Desse perfume
Que tem a rosa

Ou que tem um
Guardado n'um
—Um *recueil* á
Pela brisa idea

Um jardim sen
Mais viva e ma
Flora—a deusa
O espectro sola

No album de

Alfredo Borges

Era um herbario *chic*: um mimo de amator,
Artístico, ideal, singelo e todo cheio
Desse perfume bom, magnetico, incolor,
Que tem a rosa murcha ao morno sol d'um seio,

Ou que tem um antigo e mystico amuleto,
Guardado n'um crystal catita e facetado!
—Um *recueil* á Goncourt. Um herbario lavado
Pela brisa ideal que dava ao Capuleto

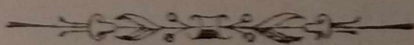
Um jardim sensual e alegre!... A colleção
Mais viva e mais feliz que á meu olhar jogou
Flora—a deusa pagan que traz em cada mão
O espectro solar feito camelias, ou

O algente e bom luar transformado em um cravo!
—Em synthese: Um herbario onde havia de tudo:
O cactus, o jasmim, o pallido veludo
Da tuberosa, e o sangue avigorante, bravo,

Da rosa!

E eu me cheguei á cesta de mil côres
Ao herbario gentil, e puz-lhe em cima a palma
Primeira que encontrei... no chão desta minh'alma...

—A palma o vento a leva e hão de ficar as flores!



O genial

O bronzo

Tu que a

Das guer

Que te s

Tu que t

Tu, crian

Castrota

Deprecatio

A' Fernando de Castro

O' genial Cassandra, ó Pithonysa augusta,
Formada de ouro e essencia!
O' bronzea virgem-mãe, bella mulher adusta!
O' Musa da Sciencia!

Tu que ao torso correcto e feminil e branco
Ajustas a armadura
Dos guerreiros, e tens no curvilineo fianco
A arma fina e pura

Que te serve de lyra e serve-te de força
Contra Ahriman—o Erro;
Tu que tens a carreira aligera da corça
E musculos de ferro;

Tu, criança e mulher, mixto de toda a Graça
E de toda a Energia;
Creatura immortal, grande como uma raça,
Bôa como a alegria;

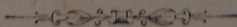
Tu que mostras no corpo a phastica de um Phidias
 E que possues um'alma
 Tenaz, erectil, como um festão de orchideas,
 Verde como uma palma;

O' impeccavel Ser! Tu has de conduzir
 A' mim, pelo teu braço,
 E levar-me ao logar onde flameja o Paço
 Da Arte do porvir!

Sim. Peço-te, Visão, que apontes meu caminho
 Atravez do Ideal,
 Afim de que eu da Sciencia austera, do Real
 Possa extrahir o vinho,

O bom licor azul da nova Poesia,
 Generoso e febril!...

Musa! O olhar viril
 Vamos, immerge agora ali, na Philosophia!



Duas c
 Deita-s
 E sobr
 Cahe c

Do Sol
 Movel
 Oppõe
 Pousa

Destac
 Como
 Rasga

E o va
 Mira c
 Do set

Paisagem

A' Feliciano Gomes

Duas collinas rasgam-se. No meio
Deita-se o valle, umbroso e virginal.
E sobre aquelle exuberante seio
Cahe o louro espartilho tropical

Do Sol montante... Em cima da esmeralda
Movel e doce que a folhagem basta
Oppõe ao céu,—o céu azul que escalda
Pousa um olhar de transparencia casta.

Destacam-se as collinas dos arbustos
Como dous peitos rigidos, robustos,
Rasgando a seda de um corpete escuro...

E o valle, o valle, como um collo enorme,
Mira orgulhoso a curva filiforme
Do seu collar,—um veio d'agua puro!

Revelações

(No album de João Freitas, no dia
de sua formatura.)

E's bacharel, João. Sabes o que é ser isso?
—Ter nada na cabeça, e na gaveta a historia
De alguns annos de amor, de sonhos, de *deverço*,
Com a criança gentil, de face meiga e florea,
Que se chama Illusão?... Sabes o que é ser tal?

E' sentir que se rompe o alvissimo sendal
Da divina loucura e da divina crença!...
E' depressa avistar a sombra mais que densa
Existente ao redor da sociedade. E' ver
N'um instante fulgir e desaparecer
O ideal procurado... E' encarar o abysmo
Em que se vae tombar, si uma vontade de aço
Não nos beija na fronte e trava-nos do braço
Para nos arrancar ao torpe magnetismo
Attrahente e fatal c'o tabido Interesse!

Ser bacharel? E' ter perante nós a messe
Dourada e sensual da vida luminosa,
Em que se sente o odor de um fino *formalismo*,
E em que á valer se bebe o Xerez e o cynismo
Em calices fataes, vermelhos como a rosa!

E' tudo isso. E vês: A gloria está na luta;
No facto de beber a taça da cicuta
Toda, toda, sem ter a crispação do labio!
Está em não sentir o frigido resabio
Do desengano atroz e da desdita funda!

*
* *

E isso tu farás. Tenho uma fé profunda
Em que has de sempre ter este ideal—a Sciencia
E sempre adorarás a—deusa Independencia!



Ideal

A' Arthur Orlando

Ideal, hei de alcançar-te,
Hei de prender-te, Ideal!
Teu vulto ethereal
Hei de jungir ao d'Arte!

Excusas de bater
A pluma pela altura,
Longe, n'aquella pura
Região, que custa ver

Dos sóes, do incognoscivel!...
Como um tupy terrivel,
Reteso o arco, attinge

O passaro no berço
Da nuvem,—tal meu Verso
Ha de attingir-te, sphinge!

Nem Deus nem Rei

(SYNTHESE)

A' Graça Aranha

O Deus da terra—o Rei, e Deus—o Rei dos céos,
—Este o Protheu divino, o anthropomorpha enygma,
—O outro, o sagrado bonzo, o imperial stygma
Agarrado ás nações como á grilheta os réos;—

Já não merecem fé, nem oblações, nem preitos!
—NEWTON tirou á Deus as redeas luminosas
Com que elle audaz domava o Cosmo, as nebulosas,
E COMTE arrebatou-lhe os rigidos preceitos

Que elle sabia impor ás mutações da Historia!
Assim: n'um Sol, n'um Povo, ha só a trajectoria
Marcada pelas leis:—Gravitação, Progresso!

Isso, Deus. Quanto ao Rei, apodreceu de todo;
Veio a Revolução, veio Danton... E o lodo
Das ruinas fechou-o em seu sudario espesso!

RECIFE.--TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL.--1884